



CELIBATO EVANGÉLICO

Aventura de viver com liberdade, alegria e maturidade o celibato - na identificação e seguimento de Jesus Cristo – com Deus para o seu Reino¹

Ir. Paulo Dullius

O carácter consciente e inconsciente de nossa vida significa que, em grande parte, vivemos sem saber e sem conhecer todas as nossas motivações, impulsos, forças, ideais, medos e desejos que fazem parte de nossas decisões e opções de vida, de nossa opção pelo celibato ou pelo matrimônio. Por isso é tão fácil equivocar-se nas opções afetivas – tipos de expressão do amor - que as pessoas realizam em suas vidas. Em qualquer momento da vida podem emergir, num sujeito celibatário ou casado, aspectos ignorados de seu mundo afetivo.

0 Contextualização

O celibato evangélico é uma opção de vida. As opções de vida incluem os ideais pessoais e institucionais. Uma opção é motivadora por seu conteúdo teleológico e pela capacidade integradora da vida. As opções implicam automaticamente um segundo aspecto: deixar de lado outras opções possíveis e boas. Desta forma, o centro não está na renúncia, mas na opção anterior que implica deixar para trás outras opções. Ninguém pode optar – em aspectos centrais – por várias alternativas ao mesmo tempo sem incorrer numa significativa dissonância cognitiva, ou seja, numa significativa ‘divisão’ interior e num conflito que vai precisar de uma solução que pode ser a favor do profundo da pessoa, ou pode ser uma opção regressiva. Optar pelo celibato implica ter clareza das motivações para optar, transformando a causa final na primeira causa, ou seja, o Reino de Deus como o centro ao redor do qual se fazem outras opções. A opção não indica necessariamente a capacidade de realizá-la bem. A opção pelo celibato evangélico não é apenas uma questão de celibato, mas de toda a pessoa. Trata-se de um amor casto e respeitoso por tudo o que somos, ao redor desta motivação de realização do Reino de Deus. Amor, portanto, e que seja sincero, total e que respeite a verdade profunda da pessoa. Este amor casto e respeitoso se manifesta no conjunto da vida. Também é o enfoque pelo qual se precisa assumir a castidade, a pobreza e a obediência.

¹ Muitas das ideias aqui expressas estão baseadas em: **MORANO, Carlos Domínguez. *La Aventura del Celibato Evangélico. Sublimación o represión, Narcisismo o alteridad.* 2004, Editorial Frontera, Vitoria/Gasteiz, España.**

Em nossas reflexões que seguem, analisaremos o conteúdo e a forma desta opção. Todo empenho e opção são uma espécie de aventura de viver algo significativo. É uma aventura porque sempre pode trazer surpresas positivas e/ou aspectos não considerados suficientemente no momento de fazer a opção, devido aos conteúdos e processos que constituem nossa dimensão consciente e inconsciente e também porque a realidade externa vai trazendo novos dados não presentes no início da vida. Em nosso caso, o celibato evangélico pode muito bem ser entendido como uma aventura, mas aventura da qual queremos sair fortalecidos e realizados, segundo Deus. Por isso também se fala que o celibato evangélico requer liberdade, alegria e maturidade. Liberdade e maturidade são conquistas muitas vezes árduas que precisam energia, empenho por toda a vida, e nunca plenamente alcançados. A purificação constante das motivações e o crescimento integral são um desafio permanente.

Nesta nossa opção não queremos apenas ser como Jesus celibatário, mas nos identificamos com ele e o seguimos com entusiasmo em sua forma de ser, agir, apresentar o Reino de Deus, o Reino do Pai. Jesus não é objetivo final de nossa opção como celibatários, nem seu seguimento. Todo cristão - a partir do batismo - precisa seguir Jesus Cristo. O celibato evangélico também não é uma forma privilegiada de opção, como se Deus gostasse mais das pessoas celibatárias ou virgens do que dos casados. Certamente há textos que privilegiam a opção pelo celibato, numa tentativa de valorizar tal opção. Fazemos uma consagração com a finalidade de empenhar nossas energias na mesma causa que é a de Jesus: o Reino de Deus. A realização do Reino de Deus é também o grande plano de Deus em relação à humanidade. Trata-se de um projeto histórico de transformação da realidade, que Jesus chamou "Reino de Deus e sua justiça", superando toda forma de narcisismo, de projeção pessoal, individualismo, privilégios e glória pessoal. Por isso podemos dizer que nossa opção é unir-nos e inserir-nos neste plano com Deus para o seu Reino. Esta aventura e desafio requerem sempre mais maturidade para dispor as energias para tal, superando certos apegos, substituições, transferências ou mesmo fugas de outras alternativas, como, por exemplo, o casamento e a família.

1 Aspectos intervenientes na escolha pelo celibato evangélico

Certamente a escolha em desenvolver e expressar as forças do amor no engajamento do Reino de Deus é uma escolha maravilhosa, desafiadora e muito pessoal. Contudo, esta escolha precisa considerar outros aspectos nada fáceis de discernir. A pessoa é o conjunto de sua experiência pessoal, familiar, cultural e contextual. E este conjunto interfere em suas motivações, preferências e opções. Este conjunto se formou através de indicações, identificações, comparações, valorizações desde o início da vida até o presente momento. Ainda hoje e também amanhã recebemos interferências externas e internas através de indicações, processos identificatórios e outras formas de valorização. A sensibilidade a estes aspectos está intimamente ligada à autoestima, e aos reforços do contexto, aos conhecimentos e aos estímulos existenciais. A sensibilidade, portanto, é educada através de valores, insistências, conhecimentos, interesses, ideais... e se transforma numa conexão entre o mundo interior e o mundo exterior.

No decorrer da vida – desde a primeira infância até o final da vida - encontramos diferentes objetos de expressão de nosso amor. Há uma dinâmica interna que visa expressar o amor, e a pessoa vai selecionando modos e objetos de amor. Podem nem sempre ser apenas pessoas. Podem ser objetos, causas, bens, arte, conhecimento. Mas o verdadeiro amor maduro requer sua expressão em pessoas ou em Deus. Nosso mundo afetivo-sexual tem muito mais a ver com o que houve em nossas experiências passadas do que com a configuração do corpo (homem/mulher). No caso do matrimônio, outra pessoa é a mediação desta expressão do amor. No caso da vida religiosa, a energia maior se orienta para a causa do Reino de Deus. Esta causa é aprendida e valorizada pelas diferentes formas de educação da sensibilidade, e da internalização de valores específicos. Há também uma diferença nos objetos de amor: no matrimônio, este objeto é uma pessoa concreta à qual se tem acesso pelos sentidos físicos, pelo psíquico e pela dimensão espiritual. Na vida religiosa, este objeto não pode contar muito com o físico, mas com a compreensão e assunção de uma causa que conheço, avalio e a faço minha. Neste assumir entra uma fé humana e espiritual. Pode ser que, se preciso muito de mediações sensíveis para sentir-me aceito e valorizado, esta dimensão mais psíquica e espiritual que se torna o objeto da escolha do amor, pode ser, portanto, que seja mais desafiadora e menos passível de avaliação. Assim, a opção pelo celibato introduz elementos que estão ausentes nas escolhas nas quais o físico é um dos aspectos centrais da expressão do amor. Sempre será desafiador quais aspectos físicos cultivar na opção pelo celibato e quais precisam ser integradas e colocadas a serviço da opção realizada de tal forma que não signifiquem fugas nem repressões que cerceiam um autêntico processo de crescimento integral livre e responsável.

Sempre convém ter presente toda estrutura e dinâmica da personalidade quando se considera a opção pelo celibato evangélico. Desta forma, a realidade familiar, cultural e o contexto assumem importância na possibilidade e na qualidade das escolhas. Boa estrutura afetiva e intelectual e de fé predispoem a sensibilidade para diferentes formas de expressão do amor. Mesmo que a escolha e a opção pelo celibato evangélico não possam ser exigidas nem impostas pelo próprio indivíduo, nem pela família, nem pelo contexto mais amplo, as diferentes mediações podem interferir de forma decisiva, sobretudo quando há maior fragilidade afetiva por parte da pessoa que faz a escolha, pois depende muito do contexto externo. Todos queremos crescer na autoestima e no reconhecimento social. Épocas de pouca valorização da dimensão transcendente e a consequente valorização do imanente em suas diferentes formas, estas épocas podem sugerir pouca sensibilidade à opção pelo celibato evangélico. A escolha pelo celibato evangélico, neste caso, precisa mais clareza e maturidade. Hoje diminuiu a compreensão e aceitação da opção pelo celibato evangélico. Dentro de uma visão histórico-dialética isto pode questionar a fidelidade e mesmo introduzir elementos que podem levar a questionar a opção pelo celibato evangélico como ainda sendo uma alternativa humana e espiritual digna de ser seguida e sustentada. Contudo, não é a realidade social – com seus valores e contra valores – que automaticamente é critério de verdade e de necessidade humana. Sempre somos convidados a assumir uma vigilância, não de agrado social, mas

vigilância antropológica à qual as religiões contribuíram e contribuem para sua explicitação.

2 Itinerário de discernimento e de fidelidade

A opção pelo celibato evangélico é uma opção de nível mais espiritual, com uma cosmovisão e uma energia emocional, intelectual e volitiva a serviço do amor mais universal. Mesmo que os modelos de expressão do amor que conhecemos a partir da família sejam mais de caracterizações concretas, algumas delas motivadas por impulsos decorrentes do gênero, como as expressões entre homem e mulher e dentro da família, a qualidade da expressão do amor passa por um processo de discernimento.

A ‘vocação’ a amar é para cada ser humano. Por mais difícil que tenha sido sua vida, nunca pode abdicar da missão de amar. Podemos considerar duas formas distintas de expressão do amor. Um amor que se inspira mais na particularidade e dela se abre para a universalidade. As pessoas que casam se inspiram na experiência de intimidade como expressão de seu amor. Mas, para que o amor se mantenha vivo e cresça ele precisa abrir-se mais aos outros através dos filhos, do serviço humanitário e engajamento na comunidade eclesial. Outra forma de expressão do amor se concentra na visão de universalidade, ou seja, na disposição de amar a todos e expressar e garantir a dignidade de todo ser humano. É o caso da vocação à vida religiosa. Mas esta disposição universal também precisa expressar-se no engajamento concreto com as pessoas com as quais convive. Este compromisso com pessoas concretas preserva o amor de um artificialismo ou platonismo que questiona a qualidade do amor. O amor-ágape tem conexão com o amor-eros, respeitando-se a especificidade do estado ou opção de vida. Um exemplo de amor universal nós o temos em Jesus Cristo: totalmente aberto ao Pai e à humanidade, mas engajado profundamente com cada pessoa que se dirigia a ele. Manteve-se sempre muito livre frente ao amor e sem preconceitos e inseguranças. Por isso: olhos fixos na pessoa de Jesus e não na própria realidade; não para sermos santos, mas para segui-lo adequadamente. O celibato evangélico se inspira nesta modalidade de amar de Jesus.

Assim, um primeiro grande passo na opção pelo celibato evangélico consiste em discernir qual a modalidade básica através da qual quero expressar meu amor. Nesta decisão, no entanto, não posso ser eu o único referencial, mas sim preciso assumir que Deus é quem define a forma de amar. Não se trata tanto de ‘vocação’ – à vida familiar, celibatária ou religiosa – mas de um mandamento a amar de uma forma específica. É necessário um profundo processo de discernimento para saber a forma de amar. E, para sabê-la, precisamos concentrar-nos e escutar a voz de Deus de um modo permanente, desde nossa concepção até nossos dias. Esta voz só nos chegará com nitidez e sem possibilidade de confusão quando todas as outras vozes se silenciam em nossos ouvidos. E isto é um processo de crescimento e unidade interior nunca plenamente alcançado. Mesmo sabendo a vontade de Deus, ainda não está decidida a capacidade de segui-la. Esta capacidade vai depender dos reforços, de minha força interior, dos valores, de minha autonomia e liberdade.

Outro aspecto: para ter a possibilidade de renunciar maduramente a um tu mais íntimo – como é o caso no celibato evangélico e não necessariamente no matrimônio – é necessário ter efetuado previamente uma renúncia aos primeiros objetos de desejo – pais – na infância. Um de nossos desejos mais profundos consiste em tentar recuperar uma união e unidade profunda que sentimos com Deus desde a concepção e vivida na união com a mãe antes de nascer. Progressivamente se desenvolve uma autonomia e uma separação, mas se mantém o intenso desejo de união. Nunca podemos alcançar plenamente esta unidade e união, mas mantemos o desejo da mesma. É que a união pode ser expressão saudável que não destrói a individualidade. Mesmo que haja tanto empenho em união e diferença, ambas refletem nossa realidade e nenhum dos aspectos, em si, expressa maturidade ou imaturidade. Vai depender do conjunto motivacional usado para as opções em questão.

Para ter algum tipo de união através do voto de castidade, pode permanecer certa intolerância com a dor psíquica e concomitante alergia à ausência de emoções gratificantes e intensas. Isso pode tornar mais difícil a assunção da dor que a solidão comporta. “Encontramos, às vezes, situações nas quais se pretende, com maior ou menor consciência alívios à solidão que a opção de vida assumida não pode satisfazer. (...) Mais lamentável quando a frustração propicia sentimentos mais arcaicos como abandono e rejeição, e produz formas regressivas e infantis em relação aos outros”². Exemplos podemos ver em pessoas nas quais a solidão aparece como necessidade de reconhecimento e atenção, ou certo vitimismo. Não é fácil conquistar uma maturidade do desejo que possibilite assumir a solidão e optar pela capacidade de amar. Todos queremos viver e, por isso, subjaz um intenso e exclusivo amor a nós mesmos que queremos ter e preservar.

Neste processo de discernimento entra todo campo afetivo, com seus impulsos diversos – incluindo os sexuais – e com os desejos mais imediatos e profundos que as pessoas têm. Tem-se falado da importância do distanciamento do modelo e da realidade familiar para optar por sua própria vida e forma de amar. Isso vale tanto para a vida matrimonial como para a vida religiosa. Dependendo da experiência familiar somos mais capazes de fazer nossas próprias opções – no caso positivo – ou nos fixamos exageradamente a este modelo – no caso negativo. Neste sentido, podemos ter dificuldade de nos distanciarmos dos pais, ou podemos também rejeitar o modelo familiar e ter medo de assumi-lo. Uma das possíveis formas de fugir do modelo é não o repetir e assumir uma opção de vida que compensa afetivamente e socialmente, e pode dar algum prestígio e poder. Podemos também – narcisisticamente – procurar promoção, facilidades, reconhecimento. Podemos, ainda, viver o celibato, mas a motivação pelo Reino de Deus ser bastante frágil e pouco significativa em opções concretas. Ainda mais: podem suceder várias alternativas: não viver o celibato nem a integração da sexualidade genital nem afetiva; viver a sexualidade e o celibato, mas por narcisismo e não pelo Reino; viver o celibato como opção pelo Reino de Deus. Recordemos, que nenhuma alternativa é ‘pura’, pois motivações ambíguas estão presentes com frequência.

² Carlos Domínguez Morano. Amores y desamores en la vida consagrada, p 29.

Todo cristão segue Jesus Cristo. Pelo batismo o cristão assumiu o compromisso de segui-lo. Alguns o fazem comprometendo-se numa vida de casado. O Reino de Deus é também um desejo e um empenho para estes, mas à sua maneira. O cristão que casa usa como mediação um objeto mais próximo, um tu concreto com o qual viverá o exercício e o desenvolvimento das dimensões da sexualidade e outras. O celibatário opta por constituir o Reino como seu objeto mais direto de atração, sem mediação nem companhia de alguém de forma única, íntima e exclusiva que acompanhe e partilhe o projeto. Ele quer estruturar e facilitar em sua pessoa uma disponibilidade especial para colocar-se à disposição deste Reino. Ao Deus de Jesus se chega seguindo Jesus. No amor e seguimento de Jesus temos a chave que nos liberta do perigo que a experiência religiosa pode trazer ou seja, pode converter-se em um lugar privilegiado para o surgimento de fantasias ligadas a conteúdos espirituais. “Somente na união amorosa e ‘gozosa’ com Deus e na paixão decorrente pelo Reino a pessoa consagrada pode sustentar sua opção celibatária de modo coerente e enriquecedor”³. Estes são os dois pilares que sustentam esta opção transformada em consagração: união amorosa com Deus e paixão pelo Reino. **Quando o desamor contamina estes dois vínculos primordiais – experiência mística e compromisso pelo Reino – esta opção pode desmoronar, por mais reluzente que seja.**

A fidelidade a esta opção não é um determinismo, mas é um itinerário possível que requer renovação e fortalecimento das dinâmicas decorrentes da opção feita. Requer superação das diferentes dissonâncias cognitivas que possam aparecer. Maior liberdade interior e maior autonomia afetiva facilitam a fidelidade. Contextos favoráveis pessoais e institucionais podem ser estímulo à fidelidade. Em outras palavras, precisamos seguir alguns passos que requerem algum aprofundamento e desafio. Primeiro, saber qual o plano de Deus para mim, o que requer um discernimento vocacional; depois, a decisão de querer seguir a vontade de Deus, como posicionamento existencial; terceiro, superar os obstáculos ao seguimento da vontade de Deus. O amor sempre pressupõe uma prévia identificação. Isso significa que, por vezes, situações existenciais são muito delicadas e conflituosas, interferindo na identificação específica, o que faz aumentar as dificuldades para seguir. Além disso, há outros modelos identificatórios hoje como lideranças sociais, ideológicas, sejam eles pessoas individuais ou sejam eles grupos. Quando o processo identificatório oriundo da opção religiosa estiver frágil, abre-se o caminho para outros processos com identidade, estrutura e ideais diferentes. Segue a vontade de Deus não quem quer, mas quem consegue. E, por último, em quarto lugar, decidir seguir Jesus Cristo com alegria, na causa do Reino de Deus, como o melhor caminho para mim e para outros com um ‘chamado’ semelhante ao meu. Não é o melhor caminho como tal, mas é o melhor para mim, pois a ele está ligado a vontade de Deus a meu respeito. A vinculação com Cristo – identificação e seguimento – “desencadeia uma dinâmica operativa de seguimento num projeto histórico, numa missão concreta de empenho pela instauração do Reino de Deus”⁴.

³ MORANO, Carlos Domínguez. **Amores y desamores en la vida consagrada**, Vitoria, Ed. Frontera, 2014, p 9.

⁴ Domínguez Morano, **Amores y desamores** p 82.

3 Consciência dos obstáculos e fragilidades

A opção pelo celibato evangélico não é em primeiro lugar uma renúncia, mas uma expressão específica do amor. É possível reprimir os impulsos sexuais e pensar ser uma virtude não os sentir por serem um possível obstáculo à opção pelo celibato evangélico. Impulsos – sobretudo sexuais – reprimidos, não são impulsos mortos. Podem reaparecer quando menos se espera. Não se renuncia à sexualidade, mas a algumas formas de sua expressão. A energia decorrente da sexualidade não é contrária a outras formas de expressão do amor. Igualmente não se renuncia à sensibilidade às pessoas, sobretudo às que vivem algum tipo de sofrimento ou carência. Não se pode considerar célibe pelo Reino de Deus a pessoa que vive de maneira cômoda, egoísta, isolada, insensível... mesmo que seja fiel a um celibato fisiológico. Neste caso, esta forma de viver é muito pouco evangélica e deixa transparecer imaturidades e formas compensatórias de frustrações passadas. Renunciamos a certas expressões de intimidade e partilha que garantem uma tentativa de fusão. Mas vivemos experiências de compreensão, intuição, empatia e partilha com muitas pessoas. Podemos viver vínculos afetivos progressivamente aprofundados. E isso nos dá mais confiança em nós, em nossa autonomia e plenitude partilhada. Nem Deus pode ser visto como aquele que preenche minhas carências afetivas. É preciso reconhecer que Deus se situa numa ordem diferente daquela da realização de nosso mundo de desejos. Por isso, nunca será o substituto da mulher ou do homem para os que se consagram na vida religiosa. É preciso aceitar que Deus não é aquele que preenche os vazios de nossa carência afetiva. As carências ou imaturidades são resolvidas num processo profundo de autoconhecimento, de aceitação da realidade, de integração da vida e de opção por uma oblatividade evangélica. Deus é plenamente Deus para todos e para cada um dos humanos. O celibato evangélico, ou pelo Reino de Deus, é assumido progressivamente com alegria. Aliás, é uma opção que precisa trazer alegria e entusiasmo. Podemos sentir fragilidades afetivas ligadas ao pai ou à mãe e, depois, transferi-las a uma espiritualidade narcisística, de dependência materna ou paterna. O processo de crescimento global prepara as condições para a opção pelo celibato evangélico.

Dentro de um mundo no qual há tantos estímulos diferentes para opções por um amor universal, aqueles que optam pelo celibato podem enfrentar certa solidão, certo anonimato, certa fragilidade de poder. Todos desejamos, de algum modo, prestígio, poder, recursos econômicos. Quanto mais frágil a autoestima, mais intensa se torna a tentação de transformar a escolha pelo celibato em algo compensatório. “A autoestima, necessária para o desenvolvimento pessoal e para uma sadia relação com os outros, para muitas pessoas se converteu na meta mais importante de seu desenvolvimento pessoal. Isso é um engano. Não se trata de ganhar autoestima a todo custo, mas de trabalhar por uma sadia autoestima que favoreça a capacidade de amar e trabalhar”⁵ por uma causa teleológica ampla de grandes características humanísticas, como as do Reino de Deus. Precisamos da capacidade de amar e ser amado - mais amar que ser amado - para tecer um núcleo de relações que sustentam a necessidade básica de afeto,

⁵ Morano, Amores y desamores en la vida consagrada, p 33.

carinho e comunicação. Precisamos também de uma capacidade para projetar a própria existência em um compromisso de transformação da realidade que garanta sustento material e transformação social segundo uma ampla visão da humanidade que caminha para sua plenitude. Dali, a importância da reta intenção nos relacionamentos e nas ações. Na vida religiosa há conexão direta entre amar e trabalhar. A motivação e a intencionalidade em nossas ações precisam inspirar-se no modo de ser e agir e conviver de Jesus Cristo.

4 Formação para a capacidade de amar e opção pelo celibato evangélico

A opção pelo celibato evangélico não anula nossa afetividade nem nossa inteligência, nem nos torna dependentes em nossas decisões. Ao contrário, depois que discernimos qual nossa modalidade de amar, nosso amor universal para o Reino de Deus, vamos estruturando nossa identidade a partir desta opção. Um grande empenho é aprender a amar como Jesus amava, é nos identificarmos com ele em sua energia na pregação e realização do Reino de Deus. Nós o seguimos, não como ponto de chegada, mas como o grande mediador do Pai. Nós nos engajamos com Jesus e o Pai para realizar o Reino de Deus. Esta é nossa opção preferencial, e nela centralizamos nossas energias existenciais. O empenho de nossas energias requer superar a mediocridade para sermos significativos. A mediocridade produz apatia, estagnação e desânimo. Um grande requisito, portanto, é ensinar a amar superando processos de medo, de inibição, de fuga, de compensação, de projeções e de transferências. Pode ser que haja situações nas quais – mesmo fazendo a opção – a pessoa não tenha condições de seguimento. O celibato evangélico é para aqueles escolhidos por Deus, e que tenham condições de seguimento com liberdade interior. A condição de seguimento é confiada ao empenho humano e não pode ser atribuída a uma intervenção adicional da graça.

O celibatário pretende concretizar seu seguimento a Jesus numa sintonia com o que foi a específica dinâmica de Jesus ao qual segue. O projeto de vida do celibatário encontra em Jesus a maneira de usar sua afetividade e sua energia pulsional. A forma de Jesus ser e viver como homem celibatário e sua forma de conduzir-se nas relações com os outros é também o paradigma do celibato evangélico. Esta forma de relacionamento com todas as pessoas por parte de Jesus só é possível a partir de sua segurança sem preconceitos e de sua posição pessoal muito livre diante da sexualidade.

A via da renúncia e da repressão é uma alternativa negativa que distancia do amor e do Reino de Deus. A renúncia não é o centro da opção. É central a opção pelo Reino de Deus, que vai absorvendo as energias livres da pessoa e aquelas que ela pode libertar. Recordemos: um desejo reprimido – sem consciência – não é um desejo morto ou anulado. Dia mais dia menos, reaparecerá e trará suas consequências para o conjunto da pessoa.

A formação para a capacidade de amar inclui a educação do afeto; inclui a busca e a opção por ideais amplamente humanísticos; inclui orientar o coração para o Reino de Deus. “Dificilmente poderá assumir o compromisso do celibato alguém que não dis-

puser de uma suficiente capacidade de independência e autonomia pessoal, de tolerância à dor psíquica, de maturidade como capacidade de assumir sua condição de ser único”⁶. Isso é muito mais do que abstinência sexual. Esta capacidade de amar é amplamente beneficiada por uma comunidade que faz opções semelhantes e que elabora e executa projetos altamente evangelizadores.

5 Nossa opção alegre pelo Reino de Deus, um celibato evangélico

Opções mais baseadas na renúncia tendem a deixar consequências negativas em todos os envolvidos, especialmente através de depressão, vazio existencial, amarguras, moralismos, compensações, incompreensões e exigências. Podemos incluir também nestas consequências diferentes tipos de doenças, autodestruições, mortes, compensações ligadas ao ter e ser. “O celibato evangélico é uma decisão que se assume a partir da escuta de uma vocação pessoal e em função do serviço ao Reino, não em função de um sacrifício que se supõe prazeroso e agradável a Deus. O que é preciso pensar é que a Deus agrada a disposição radical de serviço no seguimento de Jesus, seja na forma de celibato ou de casamento. Porque uns e outros – celibatários e casados – são chamados a esse seguimento com a mesma radicalidade e mesma dignidade. Não escolhemos, portanto, na vida consagrada ‘o melhor’ caminho, mas ‘o melhor caminho para nós’, a partir do discernimento realizado diante de Deus”⁷. Melhor ou não, a diferença está na fidelidade à forma de amar e em sua qualidade cada vez mais livre, fiel e comprometida.

O crescimento integral permite fazer opções mais objetivas e fiéis em relação ao celibato evangélico. Precisamos empenhar nossas energias afetivas, emocionais nesta opção. O resultado será alegria, entusiasmo, dedicação, sensibilidade para com os pobres e necessitados.

A oração e a espiritualidade serão mais como a de Jesus que ora ao Pai, faz sua vontade, louva e intercede pelos seus para que sejam fiéis à vontade do Pai. O que pode alimentar esta espiritualidade é também uma força que dá consistência ao Reino de Deus. Nós nos identificamos com Jesus, nós o seguimos para realizar – com o Pai - o Reino como nos tem sido projetado e experimentado no Evangelho. A oração do celibatário consagrado se converte em um tempo e espaço privilegiados para a internalização profunda daquilo no qual crê e espera, em uma oportunidade para ‘afetivizar’ profundamente este projeto do Reino pelo qual se consagra. Carregar a cruz cada dia nesta opção só tem sentido se for para seguir Jesus: “A partir do amor apaixonado por sua pessoa, engajar-se plenamente no seu projeto do Reino de Deus. É este Reino de Deus e sua justiça que condensará o mais decisivo de nosso mundo afetivo. O trabalho e a dedicação a este Reino de Deus e sua justiça neste mundo – seja qual for o carisma e espiritualidade da vida consagrada – justificam e conferem sentido e plenitude à renúncia que o celibatário leva a cabo com seu voto de castidade”⁸.

⁶ Morano. Amores y desamores en la vida consagrada, p 29.

⁷ MORANO, Carlos Domínguez. Amores y desamores... p 87.

⁸ MORANO, Carlos Domínguez, Amores e desamores na Vida Religiosa, p 87.

A vida comunitária constitui um campo muito peculiar no qual aparecem os amores e os desamores da vida consagrada. Somos chamados à fraternidade como exigência primeira. A vida comunitária, evidentemente, nunca pode substituir uma vida de casado, os filhos e a família. Mas ela pode e deve prestar apoio a uma vida na qual se renuncia a tudo isso. De muitas formas a comunidade pode oferecer um ambiente que seja familiar, um lugar e ambiente onde se partilha e se celebra a mesma fé, um espaço no qual a interação fraterna estimula o compromisso pelo Reino, e um espaço no qual se favorece a paz, o descanso, a descontração. Isso supõe estar e conviver de forma sadia e franca e não funcional nem utilitária. O afeto precisa encontrar ali o seu devido espaço. O salmo 133,1 já no-lo recorda: “Como é bom, como é agradável habitar todos juntos, como irmãos”.

Concluindo...

A opção pelo celibato evangélico segue uma forma de expressão da vontade de Deus em relação a nós. Não é tanto uma opção privilegiada quanto é uma opção que requer o empenho de toda a pessoa. Converte-se num itinerário que implica certa superação do modelo familiar no sentido de dependência do pai ou da mãe. Um itinerário que implica superar os desejos afetivos e experiências compensatórias na dimensão de certo tipo de intimidades, de união; de certas visões imaturas de autonomia, de busca de poder, de prestígio e de facilidades e confortos econômicos; de formas narcisísticas e de status; de formas individualistas de organizar a vida. Consiste em assumir um altruísmo e uma missão aos que mais necessitam.

Em síntese, a opção pelo celibato evangélico é uma aventura discernida que inclui muitos aspectos a considerar, mas que pode também ser uma opção alegre e livre por uma forma de empenho e expressão do Reino de Deus. Identificamo-nos e seguimos Jesus para – com o Pai – realizar o Reino de Deus. Nesta causa e projeto desenvolvemos, concentramos e dedicamos nossas energias e nosso amor que inclui nosso coração, nossa inteligência e nossas forças.